Contribuição para a Ethnologia Brasileira

AS TRIBUS INDIGENAS DO CEARÁ

O territorio do actual Estado do Ceará era, ao tempo da colonização do Brasil, habitado por grande numero de tribus indigenas que se filiavam aos TUPIS-GUARANYS e aos CARIRYS, grupos distinctos, quer sob o ponto de vista linguistico, quer sob o ethnologico.

Os CARIRYS, ao principio senhores da orla marinha cearense, espalhavam-se tambem pelo sertão nordestino, desde a riba esquerda do S. Francisco ás margens baixas do Itapicurú. (1)

Quando Pero Coelho, em 1603, veio tentar a conquista da Serra da Ibiapaba, já então dominavam quasi toda a costa povos da raça tupy, que, derrotados em cruentos combates com os portuguezes no Rio Grande e Parahyba e enfraquecidos pela guerra, que reciprocamente se moviam, tinham invadido o litoral cearense expulsando para o interior as hordas adversas dos CARIRYS-TREMEMBÉS

Os TUPIS, é sabido, senhoreavam grande parte da ribamar brasileira e bem assim certas zonas ferteis e productivas do interior, relegando as outras nações para as terras menos ricas e sertões mais agrestes.

---

(1) —*Frei Vicente do Salvador*—«Historia do Brazil»—Nova edição, 1918, pag. 10.

Divididos em grupos, fragmentados em tribus numerosas, que faziam entre si guerra de exterminio, viviam TUPIS e CARIRYS, no transcorrer da agitada era colonial, em accesa lucta. Andavam errantes e em correrias desordenadas e aventurosas percorriam quasi todo o territorio da Capitania.

«Do Rio grande, que é a ultima povoação dos Portuguezes ao Maranhão são passantes de trezentas leguas, todas povoadas de tapuyas selvagens, que são tantos que não tem conta. E andão em magotes de 50, 80 e 100 casais, correndo sempre os campos, buscando cassa de que se sustentão, sem outra casa mais que o lugar aonde lhes anoutesse e nada lhes pode escapar; E a ninguem perdoão a vida por coisa alguma, nem admittem por ninguem como todos nos informam», escreveu o padre Figueira. (2)

O facto acima apontado e mais a transmigração de indios avassalados das capitanias visinhas para o Ceará, tornam difficil, quiçá, mesmo impossivel, determinar-se com precisão as regiões occupadas pelos differentes grupos.

Tanto quanto nos foi possivel averiguar, era a seguinte a distribuição das tribus indigenas do Ceará.

No alto sertão do Cariry viviam tribus irrequietas, cuja braveza indomita lhes propiciara a posse de tão ricas e opulentas terras. Ahi vagueavam, entre outras, os **Cariús**, que occupavam as nascentes do Cariús, e Bastiões, os ferozes **Calabaças**, da margem esquerda do Salgado, os **Carcuassús** e a nação erradia dos **Carirys, Carires ou Kiriris**. Estes ultimos selvicolas, oriundos da chapada da Borborema, vieram habitar o valle e a serra do Araripe, em cujas faldas ingremes, emboscados, resistiram opi-

(2) —Carta de Figueira sobre as difficuldades da Missão do Maranhão. «Revista do Instituto do Ceará»—tomo 17, pag. 139.

niosa e tenazmente ao invazor branco. Affirmam Catunda (3) e Theberge (4) que os **Carirys**, na epocha das bandeiras, se alliaram aos emissarios da rica familia da Torre para dar caça e descer indigenas de outras nações. O facto em si nada tem de extraordinario visto como bem mais que o mosquete e a pistola do luso, concorreram para o aniquilamento dos primitivos brazis as mutuas inimizades e as luctas sem fim de tribu contra tribu. Contesta-o, todavia, Antonio Bezerra (5) que prova a contento jamais terem agentes d'aquella poderosa familia bahiana vindo ao Ceará.

Os **Carirys** foram catechizados pelos padres Carmelitas e por elles reduzidos nas aldeias, que, posteriormente, tomaram os nomes de Barbalha e Crato, em Missão Velha e Missão Nova (Theberge).

Falsos e inclinados á pirataria e á rapinagem, déram grandes prejuizos aos colonos e dali os expulsou o corregedor Dias e Barros em 1780 (Araripe). Os **Carirys** fundiram-se então na população rural da região.

O sertão dos Inhamuns era habitado pelos **Jucás**, os matadores, tribu audaz e bellicosa. Partidarios dos Feitozas, lhes prestaram esses selvagens continuada assistencia na terrivel contenda, que enluctou o Ceará Colonial e que em fogo e sangue poz as ribeiras do Icó e Quixelô. Aldeiados nas margens do Jucá em 1727, foram depois, por volta de 1761, reunidos aos **Carirys** e **Cariús** para povoar a villa de Miranda (Theberge). No local do primitivo ajuntamento dos **Jucás** se ergue agora a cidade de Arneiroz (Araripe).

Não obstante o merito que tem a palavra do

---

(3) — *Catunda*—«Estudos de Historia do Ceará»—Fortaleza, 1886.

(4) —*Dr. P. Theberge*—«Esboço historico sobre a provincia do Ceará» (Parte 1.ª) Fortaleza, 1870.

(5) —*Antonio Bezerra*—«Algumas origens do Ceará»—Rev. Trim. do Inst. do Ceará—Anno 1901, 3.º e 4.º trimestres.

dr. Theberge, autoridade de incontestavel valor em questões historicas referentes ao Cariry, cabe-nos observar que no Crato, antiga povoação dos Carirys novos, habitavam tambem os **Calabaças.** (6)

A tribu dos **Icós** assistia na região que se estendia das margens do Salgado e Jaguaribe até o Rio do Peixe. Indios de corso, como eram então chamadas as tribus saqueadoras e rapinantes, taes depredações fizeram nas terras do Jaguaribe que o Capitão mór Fernão Carrilho organizou, em 1694, uma expedição para batel-os, sob o commando de Francisco Dias Carvalho.

Pacificados alguns annos depois, em 1700, pelo padre João de Mattos Serra, foram elles aldeiados no local onde está hoje edificada a cidade de Souza, na Parahyba do Norte. Missionou-os tambem o celebre jesuita Gabriel Malagrida.

Povoavam o Baixo Jaguaribe os **Paiacús** ou **Pacajús,** os mais terriveis e famosos gentios do Ceará. Dominavam elles a região comprehendida entre o rio Assú, a Serra do Apody e grande parte da ribeira do Jaguaribe.

Chegavam, porém, em suas expedições de guerra e de saque, até perto de Fortaleza onde vinham accommetter os selvicolas mansos, que ahi residiam. Foram um obstaculo serio, um empecilho constante ao facil commercio entre as capitanias do Ceará e Pernambuco, e, o que é mais grave, um estorvo á povoação do baixo Jaguaribe.

Desde 1605, no inicio da colonisação do Ceará, apparecem os **Pacajús** importunando seriamente aos fieis companheiros de Pero Coelho em sua retirada para o Rio Grande, muito lhes augmentando

---

(6) —*Luiz Barba Alardo de Menezes*—«Memoria sobre a Capitania independente do Ceará Grande»—Rev. Trim. do Inst. do Ceará—Tomo XI, 1.º trimestre, 1887, pag. 49.

as asperezas e os tormentos desta via dolorosa que foi a difficil travessia.

D'ahi em diante trouxeram sempre em sobresalto os conquistadores.

Assim em 1666, assaltaram o sitio Precabura, em Mecejana, onde os foi bater o ajudante Coelho de Moraes, por ordem do Capitão-mor João de Mello Gusmão.

Algum tempo depois, 1671, Jorge Correia da Silva, cedendo ás solicitações dos **Jaguaribaras** e outros indigenas ameaçados pelos **Paiacús**, decide, para bem do socego e da paz geral da Capitania, fazer-lhes guerra de exterminio e despacha para essa terrivel missão o sargento reformado Jorge Martins.

«Foi tão desabrida a guerra que lhes fizeram Jorge Martins e Francisco Martins, diz A. Bezerra, que aquelle tapuya, em 7 de Janeiro de 1672, mandou uma embaixada pedindo paz».

Não viveram, comtudo, muito tempo quietos os bravios **Pacajús**. Em 1693 assolam mais uma vez as ribeiras do Assú e Jaguaribe e são ainda batidos, desta vez, por Fernão Carrilho, um dos mais valentes governadores portuguezes no Ceará.

Nesta memoravel campanha tomou parte activa o Mestre de campo e governador geral das armas paulistas Mathias Cardoso de Almeida.

Em 1695, nova sedição e mais terrivel, pois esses incolas quasi aniquilam os moradores das terras dos rios Jaguaribe e Banabuyú.

Foram finalmente aldeiados em 1696 perto do Aracaty, no lugar chamado Araré, pelo padre João da Costa e João de Barros Braga.

Empolgava então a todos como uma paixão violenta ou divertimento irresistivel a caça ao indio; e na pratica deste desporto não respeitavam os portuguezes nem mesmo os selvagens mansos e missionados.

Cedendo ás solicitações do ambiente, fez Manoel Alvares de Moraes Navarro, Mestre de campo

do terço dos Paulistas do Assú, crua guerra aos **Paiacús** matando-lhes para mais de 400 individuos. Esse morticinio desnecessario e atrós por causa do qual Moraes Navarro foi submettido a processo, como se vê de documentos publicados pelo Barão de Studart, não ficou esquecido e cedo delle se desaggravaram os indigenas. Alguns annos depois, unidos aos **Anassés** e **Jaguaribaras** e outros descontentes, sublevaram-se atacando a villa de Aquiraz e ahi levando a destruição e a morte.

Perto de 200 pessoas pereceram na lucta.

Barba Alardo (7) assegura que esses indios foram missionados no lugar denominado aldeia dos **Paiacús**, depois povoação de Monte-Mór o velho, hoje Guarany, e transferidos mais tarde para Porto Alegre no Rio Grande do Norte. Dahi regressaram, por ordem do Conde de Villa Flor, a occupar sua antiga missão.

Paiacús e **Icós** se cruzaram com os **Panates**, tupis das cabeceiras do Piancó tendo em seguida migrado em direcção do Amazonas (8).

Nos sertões de Jaguaribe estavam os **Janipabuassu** (9) e os **Icosinhos** (10).

Proximo ao littoral, na ampla nesga de terra, que vae da margem esquerda do Jaguaribe ao Mundahú e serra de Baturité, viviam os **Anassés** e os **Jaguaribaras**. Nelson de Senna faz dos primeiros, ignoro porque, moradores do platô da Ibiapaba, quando em verdade tinham elles suas malocas na serra de Baturité. Gente ordeira e pacifica, facilmente se accommodou com os portuguezes e foi muito cedo avassalada. Aldeou-os Fernão Carrilho:

---

(7) —*Barba Alardo*, op. cit., pag. 44.

(8) —*Nelson de Senna*, «Os indios do Brasil», memoria ethnographica, pag. 126.

(9)—Documentos para a historia do Brasil e especialmente a do Ceará (Colleção Studart) Rev. Trim. do Inst. do Ceará, tomo XXXVII, Doc. n.º 512, pg. 143.

(10)—Citados por Theberge.

os **Anassés** em Paramirim, a 8 leguas ao N. de Fortaleza, e os **Jaguaribaras** a 7 leguas ao S.

Junto á costa havia ainda os **Guanacés**, divididos em **Guanacésguaçú e Guanacemirim**, tribus inimigas entre si, citados por Mathias Beck pg. 372 e **Jaguaruanas** entre os rios Curú e Acarahú (11) e os **Jagoarigoaras** e os **Assanassessassú** (12). Os **Jagureguaras ou Iguarignaras**, **Guanacés** e **Jaguaruanas** foram aldeiados na Uruburetama (13).

Extremando com os **Anassés**, para além do rio Mundahú, demoravam os ferozes **Teremembés** ou **Tremembés**, cujos dominios, comprehendendo a vasta ribeira do Acarahú, iam até á Serra Grande.

«Eram habeis nadadores; arremetiam a nado os tubarões com um pau agudo, que lhes encaixavam pela guela a dentro, com o que os traziam á terra e tiravam d'elles os dentes para flecha». (14)

Em terras dos **Tremembés** fundou Jeronymo de Albuquerque, em 1613, o fortim de N. S. do Rosario.

Affirma Paulino Nogueira, contra a opinião da maioria dos autores e escudado na grande autoridade do Padre Vieira, serem os **Teremembés** um povo morigerado e de bons costumes. Será esta talvez a verdade, mas o nome teremembé (tumultuario) que adoptaram, a perseguição movida aos

---

(11) —Cit. pelo padre *Antonio Vieira*. Relação da Serra da Ibiapaba, Rev. do Inst. do Ceará vol. XVIII, 1904, pag. 110.

(12) —Cit. por *M. Beck*. «Diario da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649». Trad. de Alf. de Carvalho, no livro «Commemorando o Tricentenario da vinda dos portuguezes ao Ceará», pag. 359 e 372.

(13) —Diz Araripe que *Jaguaruana* ou *Jaguararanas* e *Guainacés* são denominações particulares dos Anassés, «porquanto nos documentos antigos, que consultou, não encontrou o nome de sua habitação». E' esse tambem o parecer de Paulino Nogueira de quem colhemos este o outros informes.

(14) —*Paulino Nogueira*—«Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará, «Rev. trimensal do Inst. do Ceará», anno 1, 4.° trimestre de 1887, pag 427.

indios da visinhança de Jericoacoara (aldeiados em consequencia disso pelos hollandezes) e finalmente os constantes ataques por elles levados a effeito contra o forte de N. S. do Rosario, parecem indicar justamente o contrario.

Aldeiados pelos jesuitas perto de Camucim (15) ou nas praias de Lençóes, Tutoya do gentio, como quer o Barão de Studart (16), passaram em 1702 para Almofada, á margem do Aracaty-Mirim, no municipio de Acarahú.

Esta villa foi em tempos idos soterrada por uma immensa duna, que após muitos annos de lento caminhar começa agora a descobrir os seus mais importantes predios.

Quer o dr. Nelson de Senna que algumas hordas **Tremembés** do Jaguaribe tenham emigrado para o sul, indo se estabelecer nos valles do Alto S. Francisco e Rio Parahyba, onde vivem os **Cataguas** seus legitimos descendentes. O facto é contradictado com razão pelo sr. Affonso de Freitas (17) que chama de absurda tal affirmativa. Difficil é, effectivamente, admittir-se que dizimadas e enfraquecidas podessem as hordas **Tremembés** fazer incolumes tão longa caminhada através dos dominios dos **Aymorés** ou pelo territorio das numerosas naçôes que demoravam no litoral desde Parahyba até o Rio de Janeiro.

Na ribeira do Acarahú habitavam ainda os **Aperiús** (18), os **Arariús** e os **Acriús**.

Em 1713, na occasião da revolta dos **Anacés**, rebellaram-se tambem os **Acriús** destruindo casas, ma-

---

(15) —*Theberge* (Dr. P.) op. cit., pag. 79.

(16) —*Barão de Studart*—«Datas e Factos para a Historia do Ceará», Fortaleza, 1896.

(17) *Affonso A. de Freitas*. «Distribuição geographica das tribus indigenas», Thése apresentada ao 1.º Congresso de Historia Nacional, Rio, 1915, pag. 508.

(18) —*Thomaz Pompeu Sobrinho*—«Etymologia de algumas palavras indigenas». Rev. Inst. do Ceará, vol. XXXIII, 1919 pag. 212.

tando gado e obrigando os moradores do lugar o fugirem para a Ibiapaba.

Tiveram estes indios sua missão no riacho Guimarães (Theberge).

Os bravios **arariús, areriús** ou **irariús** foram por sua vez reduzidos pelo padre João Teixeira Miranda, em 1700, na Meruoca.

Esta tribu soffrera fortissima guerra ao tempo de Bento Correia em 1674.

Movendo desabrida perseguição ao colono e em lucta continuada contra as outras nações, erravam pelo alto sertão do Curú e pelas margens do Quixeramobim e Banabuyú, os indios **Canindés e Genipapos.**

No anno de 1712 já muito diminuidos em numero e alquebrados, alliaram-se **canindés** e **genipapos** a outras tribus irritadas contra os brancos, e colligadas num derradeiro esforço, tentaram sacudir o jugo avassallador do estrangeiro.

Venceram, porém, mais uma vez a força disciplinada e a astucia do portuguez e os indios pagaram com grandes perdas de vida o seu justo protesto.

Na occasião do assalto á villa de Aquiraz, levantaram-se os **Canindés** na cabeceira do Banabuyú devastando roças e plantações, assaltando fazendas e fazendo perigar seriamente a vida e a propriedade dos povoadores do lugar.

Os **Genipapos,** por sua vez, tomaram parte activa na lucta dos Montes e dos Feitosas, o que lhes valeu bem como aos **Icós** e **Quixerariús** serem expulsos para o Piauhy em 1726. (19)

Quatro annos depois, isto é em 1731, os **Canindés** pediram a Duarte Sodré Pereira, governador de Pernambuco, (20) permissão para se aldeiarem

(19) —*Antonio Bezerra.*—«Algumas origens do Ceará». Parte documental. Rev. trim. do Inst. do Ceará. Anno XVI 1.º e 2.º trimestres de 1902, pag. 156-158. Edital do Capitão Mór Manoel Francez, doc. XXII.

(20) —Documento sobre os Tapuya *Canindés*, Doc. XXIII.

nas cabeceiras do Choró, na passagem Muxió, o que lhes foi concedido.

Igual solicitação fizeram os **Genipapos**, em 1739, por intermedio de Miguel da Silva Cardoso, ao governador de Pernambuco que os mandou aldeiar com os **Canindés** no sitio do Banabuyú, actualmente barra do Sitiá, districto do Jaguaribe. (21)

A missão da Palma ou de N. S. da Palma, como era então conhecida, ahi não demorou muito, sendo removida primeiramente para o municipio de Limoeiro, em seguida para perto de Quixadá, vindo, finalmente, ter á Serra de Baturité (22) e ahi elevada á cathegoria de Freguezia em 1726 (23). Em 1764 crearam-na villa sob o nome de Monte-mor o novo d'America e depois cidade de Baturité em 1858.

Canindés e **Genipapos** eram tambem chamados **Baiacús** (Araripe) e muitas vezes considerados uma unica tribu, dada a identidade de lingua e costumes e o habito de untarem o corpo com o sumo de genipapo (genipa brasiliensis, de Martius).

A' maneira do que sucedia no alto Jaguaribe, fervilhava a Serra Grande de povos dessemelhantes e não menos bravos e selvagens do que os selvicolas do Cariry.

Naquellè fertil e extenso platô vinham tambem assentar as suas tendas as tribus vencidas na aspera peleja contra o invasor extrangeiro. «A serra da Ibiapaba era, diz o padre Vieira, como o refugio conhecido e valhacoito seguro dos malfeitores».

Ahi dominavam os **Tobajaras**, indios da lingua geral e estabelecidos no local pouco antes da con-

---

(21) —Patente do Indio Miguel da Silva Cardoso—Doc. XXIV.

(22) —*Antonio Bezerra*—«O Ceará e os Cearenses». Fortaleza, 1906, pag. 106.

(23) —Notas politicas e religiosas da Villa de Canindé. Rev. Trim. do Inst. do Ceará. Vol. XXXIII, 1919, pag. 51.

quista. Não viviam elles, como contrarios, exclusivamente «da ponta da flecha, matando para se sustentar não só tudo o que tem nome de animal, mas ratos, cobras, sapos, lagartichas e outras inmundices da terra», iniciavam o periodo que leva ao sedentarismo completo, eram tambem pequenos lavradores e cultivavam o milho, a mandioca, etc.

Nomearam alguns autores tambem de **Tabajaras** a esses indios, e outros distinguem **Tabajaras** de Pernambuco e **Tobajaras** do Ceará. (24) Esta distincção não tem razão de ser. Quanto a graphia, preferimos **Tobajaras** (significando senhores do litoral, como quer Paulino Nogueira), porque assim escreveram o padre Antonio Vieira, Jaboatão, B. Caetano e outros mestres. (25)

Commandavam as malocas mais importantes e numerosas da tribu dos **Tobajaras, Irapuam** e **Juruparyassú**, o grande chefe, cuja vida é um interessante capitulo da nossa historia colonial.

E' o Diabo Grande, em 1604, a alma da resistencia aos Portuguezes, defendendo com constancia e energia, palmo a palmo, as terras da Ibiapaba contra as investidas de Pero Coelho e sua tropa.

Mais tarde, já feitas as pazes entre **Tobajaras** e conquistadores, e á sombra da taba do Diabo Grande, que os acolhe com respeito, é que os padres jesuitas Figueira e Francisco Pinto descançam das fadigas da viagem antes de iniciarem sua obra benemerita de catechese.

---

(24) —*Nelson de Senna*, op. cit. pag. 148.

(25) —Eximimo-nos de dar a etymologia dos diversos nomes de tribus e nações, que vamos citando, porque julgamos arbitrarias e caprichosas quasi todas as interpretações propostas pelos diversos autores.

Não podendo offerecer outras melhores e mais adequadas preferimos silenciar.

Depois apparece o celebre **morubichaba** alliado aos soldados de Jeronymo de Albuquerque na lucta com as outras tribus.

De Jurupary-assú, faz Catunda, o seguinte e phantasioso retrato psychologico: «Era a personificação dos vicios e qualidades da raça: bravura ruidosa e theatral, rhetorica facil e obscena, dissimulação, perfidia, incapacidade do bem, intelligencia prompta do mal, instinctos rapaces. Entenebrecia-lhe a fronte melancholia feroz, como si a voz interior lhe segredasse o martyriologio de sua posteridade através da historia, em cuja esphera ia apparecer, porém, transfigurado pela infusão de sangue mais nobre».

Depois da expulsão dos Hollandezes, mais barbaros, e mais amigos de devorarem os brancos se tornaram os **Tobajaras**, como se pode concluir do que escreveu o Padre Antonio Vieira ás pag. 91 da sua «Relação da Missão da Serra de Ibiapaba».

Em 1666 amotinaram-se elles contra os padres que os assistiam e bateram as forças do cabo Manoel Carvalho, que contra elles marchara.

Na Serra Grande assistiam tambem os **Camamús** (26), os **Jurambambes**, os **Curutis** (27), aldeiados pelos Jesuitas e os **Tacarijús** ou **Tocarijus** ou **Cararijús**.

Estes incolas tornaram-se celebres na historia do Ceará por terem, em 11 de Janeiro de 1608, assaltado a missão dos padres da Companhia de Jesus e trucidado o padre Francisco Pinto «varão verdadeiramente religioso, e de muita oração, e trato familiar com Deus», no dizer de fr. Vicente do Salvador.

Sobre a missão e a morte do Padre Francisco Pinto lêa-se o Barão de Studart.

Caro lhes custou, porém, a grave offensa pois os **Tobajaras**, vingando a morte de seu **Amanayara**

(26) — Citado por *Theberge*—Op. cit. pag. 4.
(37) — Cit. pelo *Padre Vieira*. Op. cit. pag. 124.

ou **Amanyara** (senhor da chuva), exterminando quasi por completo a tribu dos **Tacarijús**, «apenas deixão d'esta nação quem lhes conserve o nome e a memoria, escreve o padre Vieira. (28)

Entre a Serra da Ibiapaba e da Joanninha, Calogy e das Mattas, nas cabeceiras do Poty, demorava a barbara nação dos **Carateús, Caretiús ou Carathiús**. E' a mesma que foi em 1693 batida por Fernão Carrilho e, em 1704, pelo capitão mor João da Motta.

Indios da raça tupica, existiam ainda ao longo da faixa litoranea do Ceará os **Parnamirins** (29) e ~~os **Potiguaras ou**~~ **Petiguaras.**

Guerreiros valorosos e crueis, os mais deshumanos talvez dos povos tupis, foram estes indigenas ao começo inimigos declarados dos lusitanos e mais tarde seus auxiliares prestimosos na conquista de nossa terra e alliados certos contra os Hollandezes.

Acompanharam o Padre Coelho e depois aos Jesuitas Figueira e Francisco Pinto, numerosos frecheiros desta nação.

Os **Potiguaras** dilatavam seus dominios pela ribamar cearense, do Rio Grande do Norte á barra do Ceará e talvez mesmo até ao Piauhy, como querem alguns.

Foi sob a protecção do **tuchaua** Algodão, chefe potiguar, e com gente de sua raça, que os Jesuitas, em sua derrota para a Ibiapaba, fundaram a aldeia do Ceará, d'onde posteriormente se destacaram as aldeias de Porangaba, Paupina e Caucaia (30) (B. de Studart). Os indios de Porangaba

---

(28) —*Padre Vieira*. Op. cit. pag. 90.

(29) —Cit. por *Theberge*.

(30) —E' terrivel a confusão que reina entre nós no tocante á nomenclatura dos primitivos selvagens do Ceará, não só devido a differença da graphia usada pelos diversos escriptores, que têm tratado do assumpto, mas principalmente porque os chronistas empregam, não raro, alcunhas de maioraes e nome de lugares como sendo cognomes de tribu.

são notaveis porque a elles se deve a vinda dos hollandezes ao Ceará.

Na antiga capitania do Ceará Grande incontraram ainda os descobridores os **Xixirós**, reduzidos por Falcão e pelo padre João de Mattos Serra, em 1700; os **Xocós** que viviam entre Ceará e Parahyba (30 A), os **Quipapas** e os **Humons** do extremo sul do Estado, os **Cabindas**, os **Genipapoassús**, os **Juremas**, os **Jururús**, os **Irapuas** de Granja e os **Candandús** e **Quererеús** das cabeceiras do Jaguaribe (31), os **Itanhás**, os **Sucurús** (32) e os **Chorós**. (33)

Apontam-se ainda os **Gandandús**, os **Guaios**, que empregavam flechas hervadas, os **Jaburús**, os **Paliés**, os **Mandavés** e **Naporás** (Agricultores ambos), os **Campéos**, que a semelhança de muitos outros aborigenes brazileiros cortavam e conduziam como tropheu a cabeça de seus inimigos, os **Aquigiros**, os **Quipipapaus**, os **Inhamuns**, moradores estes nas margens do Jaguaribe entre os **Quixelôs** e os **Jucás** (34), os **Acanhamacú**, os **Anaperú**; os **Quixariu** (35), os **Guarius**, com que Jorge Correia da Silva firmou um tratado de alliança em 1671, os **Quexarás**, **Quixarás** ou **Quixadás** que demoravam na barra

---

Assim, por exemplo, escrevem uns, indios camocins por indios do Camocim, indios baturités, por indios do Baturité; outros fallam em indios algodões, em paupinas e caucaias que mais não são do que differentes aldeias dos selvicolas potiguaras.

(30 A) —Em 1860 havia ainda no termo de Milagres uns trinta ou quarenta individuos pertencentes a esta tribu. Esses indios, alliados aos *Quipapás* e *Humons*, invadiram em 1843 o termo de Jardim roubando e incendiando casas, o que fizeram egualmente em Pernambuco e Parahyba. (Barão de Studart).

(31) —Citados pelo Barão de Studart, «Geographia do Ceará», Rev. Trim. Inst. do Ceará, Tomo XXXVIII, 1924 pag. 57.

(32) —Ha talvez engano do dr. Nelson de Senna, pois os *Sucuru's* habitavam o Estado de Pernambuco e delles nenhuma referencia encontramos nos chronistas do Ceará Colonial.

(33) —Cit. por *Nelson de Senna*—Op. cit. pags. 120, 143 e 107.

(34) —Cit. por *Theberge* (Dr. P.) Op. cit. pags. 4-7.

(35) —Cit. por *Th. Pompeu Sobrinho*.

do Sitiá, os **Perga** (36) e os **Panaticuarema** que assistiam proximo da Capital (37); os **Javós** e os **Jandnins** ou **Gendoins**, indios de corso, quasi aniquilados em 1666 pelo capitão-mór Tavares de Almeida, ambos da ribeira do Jaguaribe, os **Baiquis**, derrotados por Teixeira de Mello em 1666, todos indios de lingua travada.

Havia outrosim no Ceará os indomitos **Apujarés**, tupis cruzados, e os **Quixelôs**.

Estes ultimos indigenas por volta de 1719 foram aldeiados primeiramente na Missão da Telha, presentemente cidade de Iguatú, e em S. Matheus. Propensos ao nomadismo e ao furto, como quasi todos os **Carirys** do Ceará não se compraziam os **Quixelôs** no paiz e na sedentariedade, que lhes offereciam os conquistadores, e cedo retomaram a vida erradia e vagabunda, a unica compativel com o seu temperamento vivo e irrequieto. Foram reunidos aos **Canindés** e **Genipapos** para povoarem a cidade de Baturité.

Catunda (38) descrevendo com exagerado pessimismo costumeiro os primitivos moradores do Ceará diz: «Habitavam o Ceará as tribus menos vigorosas dessa raça, as que algures não podiam vantajosamente luctar pela vida em concurrencia com outras mais fortes e bellicosas. Eram hordas famelicas, d'ella errantes, sem tabas nem ócas, abrigando-se á sombra das arvores ou no concavo dos rochedos.

As tribus cearenses eram cadaveres devorados dos vermes da gula e da lascivia bestiaes; bebados e preguiçosos sobrepossé».

A verdade historica é, porém, muito outra e bem diversa.

---

(36) —Não confundir com os *Pegas* ou *Arius* das encostas occidentaes da Borborema.

(37) —*Barba Alardo*—Op. cit. pag. 43.

(38) —*J. Catunda*—Op. cit. pags. 46-47.

As tribus, que aqui viveram, eram estremas e fortes.

Nenhum Estado nortista talvez foi, como o Ceará, scenario de luctas violentas, de combates os mais desesperados entre aborigenes e lusitanos.

O indigena da terra de Iracema bateu-se com extranha energia contra o europeu e oppoz tenaz resistencia ao invasor «e só se sujeitou quando por falta de numero não pôde mais pelejar».

«Emquanto não foram elles completamente aniquilados pelas armas, nunca puderam os brancos estender o seu dominio, no seculo XVII, além da aldeia junto ao forte ou além de outro arraial na barra dos rios» (39).

Ha muitas decadas os incolas do Ceará deixaram as nossas mattas e desappareceram dos sertões nordestinos, mas seu sangue, embora diluido e fraco, corre ainda nas veias dos matutos dando-lhes com os traços physionomicos, ligeiramente mongolicos, a coragem e a resignação da raça vencida.

CARLOS PEREIRA STUDART.

(39) —*Antonio Bezerra*— Op. cit.